



ESTUDO DIRIGIDO

Trabalho desenvolvido pelo
aluno Ayrton Sanfra como
atividade integrante da
disciplina Lógica: História e
Fundamentos (GCH272)
lecionada pelo Prof. Arthur
Klik de Lima, eletiva do
curso de Bacharel em
Sistemas de Informação

Lavras
2023

1 - Qual a natureza da prioridade que a substância possui em relação às demais categorias?

A discussão acerca da primazia da substância frente às outras categorias é fundamental na esfera filosófica, particularmente na metafísica. A análise das categorias aristotélicas, em especial a substância, desvenda um amplo espectro de estudo sobre a ontologia e a hierarquia das realidades existentes. Nesse cenário, entender a primazia da substância em relação às outras categorias torna-se imprescindível.

Na obra "Metafísica", Aristóteles confere um papel crucial à substância, considerando-a o ente mais autêntico e autônomo. Ele entende a substância como o sujeito com existência inerente e independente. Assim, ela serve de base para outras categorias, como acidentes e relações. Para Aristóteles, a substância é o substrato que proporciona identidade e constância aos entes.

A substância se destaca por ser um princípio causal e explicativo. As outras categorias dependem dela para existir e ter significado, mas ela não é apenas determinações accidentais. A substância é a realidade que se mantém constante além das alterações e contingências, proporcionando estabilidade e continuidade ao universo.

Não apenas Aristóteles, mas também filósofos como Tomás de Aquino revisitaram o debate sobre a primazia da substância, inserindo-a em um cenário teológico. Aquino sustentou que a substância é a realidade mais básica, porém, vinculou-a diretamente ao conceito de Deus como a Suprema Substância, o Ser necessário e autossuficiente que sustenta toda a criação.

Contudo, é imprescindível levar em conta também as críticas e avanços subsequentes no pensamento filosófico. Filósofos contemporâneos, como Immanuel Kant, contestaram a capacidade de compreender a substância em sua essência, defendendo que o nosso entendimento do cerne das coisas é restrito pelas condições da experiência humana.

A filosofia moderna diversificou os pontos de vista sobre a importância da substância. Desde os debates fenomenológicos até as avaliações ontológicas de Martin Heidegger, nota-se uma variedade de perspectivas que buscam esclarecer a essência da substância e sua conexão com as outras categorias.

Em resumo, a prioridade que a substância tem sobre outras categorias é um assunto filosófico que perdura por séculos de pensamento. Desde Aristóteles até discussões modernas, a substância se mantém como um foco central no debate ontológico, representando não só a realidade mais básica, mas também o desafio permanente de entender os alicerces da existência. Cada visão filosófica traz contribuições significativas para entender essa prioridade, e a reflexão sobre este assunto continua sendo uma fonte profunda de questionamentos e debates na área da filosofia.

2 - Elabore um texto analisando a afirmação de Aristóteles: “As substâncias jamais têm contrários. Como poderiam as substâncias primárias tê-los... este homem, por exemplo, aquele animal? Nada lhes é contrário.” (Categorias, 3b25-27)

A declaração de Aristóteles "as substâncias nunca possuem opostos" é um elemento chave na sua filosofia que requer uma análise detalhada para entender as consequências deste ponto de vista. Este trecho, retirado do seu trabalho "Categorias", suscita questões profundas sobre a natureza das substâncias primárias e sua ligação com os opostos.

Ao refutar a ideia de que as substâncias possuem contraposições, Aristóteles parece indicar que elementos fundamentais, como um ser humano ou um animal, não podem ser definidos por opostos incompatíveis. Esta perspectiva difere da abordagem de qualidades e atributos acidentais, que podem realmente ter opostos. Por exemplo, saúde e doença são opostas, mas Aristóteles parece sustentar que tais contradições não se aplicam à substância em si.

A razão dessa declaração pode ser encontrada na própria visão de Aristóteles sobre substância. Ele acredita que as substâncias primárias são entidades concretas e

únicas com uma forma distinta, uma essência que as caracteriza. Por outro lado, os contrários são geralmente vistos como opostos em termos de atributos ou qualidades, como calor e frio, ou doçura e amargura. Aristóteles parece indicar que a substância, ao ser caracterizada por sua forma e essência, vai além dessas dicotomias.

Aristóteles destaca a unicidade e a individualidade das substâncias em seu exemplo "este homem, por exemplo, aquele animal", afirmando que nenhum contrário lhes é aplicável. A existência de cada substância é singular e suas características não podem ser opostas de forma verdadeira a outra. A particularidade de cada substância impede a imposição de contrariedades de forma direta e global.

No entanto, é crucial notar que tal declaração aristotélica pode gerar críticas e questionamentos. Por exemplo, a divisão entre matéria e forma nas substâncias aristotélicas pode ser vista como uma espécie de contrariedade inerente. Além disso, alguns críticos sugerem que a própria mudança, um conceito fundamental na filosofia aristotélica, envolve a passagem de um estado para o seu oposto, o que poderia ser visto como uma forma de contrariedade.

A importância deste debate vai além da metafísica de Aristóteles e abrange questões maiores sobre a essência da realidade e as categorias básicas que a formam. O exame da declaração de Aristóteles sobre a ausência de oposição nas substâncias primárias provoca pensamentos sobre a natureza da identidade individual, a conexão entre essência e acidente e a complexidade intrínseca ao entendimento das categorias básicas que moldam a realidade.

Para finalizar, o postulado de Aristóteles que "as substâncias nunca possuem contrários" é um elemento vital de seu pensamento, ressaltando a unicidade e a indivisibilidade das substâncias primordiais. Contudo, este ponto de vista não está livre de questionamentos e diferentes interpretações, fomentando debates filosóficos que se prolongam por séculos e ainda motivam ponderações acerca da essência da existência e da realidade.

3 - Como Aristóteles estrutura o chamado "triângulo semântico"?

O entendimento aristotélico sobre a estruturação do pensamento, embora não seja tradicionalmente associado ao termo "triângulo semântico", pode ser interpretado como uma configuração triádica intrínseca às suas análises lógicas e semânticas. Aristóteles, em sua empreitada filosófica, dedicou-se à elaboração de um sistema lógico que envolve três elementos fundamentais: termos, proposições e silogismos.

Os termos, na concepção aristotélica, são peças-chave na construção do pensamento. Ele destacou a dicotomia entre termos gerais e individuais, ressaltando a relação entre conceitos universais, como "homem", e termos específicos, como "Sócrates". Essa dualidade termos universais e individuais estabelece a base para a análise de relações semânticas e lógicas.

As proposições, por sua vez, compõem o segundo elemento desse triângulo conceitual. Aristóteles categorizou proposições como afirmativas ou negativas, universais ou particulares, delineando a diversidade de formas que o discurso pode assumir. As proposições representam os lados do triângulo, conectando os termos e proporcionando a estrutura lógica para a expressão de juízos.

A culminação desse sistema é encontrada nos silogismos, o terceiro componente do triângulo aristotélico. Os silogismos, constituídos por duas premissas e uma conclusão, representam o ápice do processo lógico. Aristóteles dedicou uma atenção especial à análise dos modos válidos de silogismo, fornecendo um método rigoroso para raciocinar e inferir novas verdades a partir de verdades conhecidas.

Nesse contexto, pode-se interpretar a estrutura aristotélica como um triângulo semântico conceitual. Os termos formam a base, representando a fundação sobre a qual o pensamento é construído. As proposições constituem os lados, estabelecendo as conexões lógicas entre os termos. Por fim, os silogismos formam o vértice, onde as conclusões são alcançadas por meio de um processo racional e lógico.

Essa abordagem aristotélica, embora não se enquadre explicitamente na linguagem contemporânea do "triângulo semântico", oferece uma visão profunda sobre a estruturação do pensamento. A inter-relação entre termos, proposições e silogismos cria uma rede complexa de significados e argumentos. Aristóteles, ao propor essa estrutura, visava estabelecer fundamentos sólidos para a lógica e a argumentação, contribuindo assim para o desenvolvimento da filosofia e da teoria do conhecimento. Essa tríade conceitual de Aristóteles continua a desafiar e inspirar reflexões sobre a natureza do pensamento e a validade das inferências lógicas ao longo dos séculos.

4 - Qual é a função do quadrado das oposições na silogística aristotélica?

A função do quadrado das oposições na silogística aristotélica é um aspecto crucial e distintivo do sistema lógico elaborado por Aristóteles, constituindo um instrumento fundamental para a compreensão das relações entre proposições e a validade dos raciocínios. O quadrado das oposições é uma representação gráfica que esquematiza as quatro formas básicas de proposições categóricas, revelando as relações de oposição existentes entre elas.

Aristóteles, em sua obra "Órganon," introduziu o quadrado das oposições como uma ferramenta heurística para analisar as relações lógicas entre quatro tipos de proposições categóricas: afirmativas universais (A), negativas universais (E), afirmativas particulares (I) e negativas particulares (O). Cada uma dessas proposições é representada em uma das quatro extremidades do quadrado, e as linhas que o conectam indicam as diferentes formas de oposição.

A função principal do quadrado das oposições é esclarecer as implicações lógicas que derivam das relações entre as quatro proposições fundamentais. Por meio desse esquema, Aristóteles destacou três tipos de oposição: contrariedade, contradição e subalternidade.

A contrariedade ocorre entre proposições universais (A e E) que compartilham o mesmo sujeito e diferem apenas em sua qualidade (afirmativa ou negativa). Por exemplo, se afirmarmos que "Todos os homens são mortais" (A), a proposição

contrária seria "Nenhum homem é imortal" (E). Ambas não podem ser verdadeiras simultaneamente, mas podem ser ambas falsas.

A contradição, por sua vez, ocorre entre proposições que têm o mesmo sujeito e afirmam coisas opostas sobre esse sujeito. Por exemplo, a contradição ocorre entre as proposições "Todos os homens são mortais" (A) e "Alguns homens não são mortais" (O). Nesse caso, se uma é verdadeira, a outra deve ser falsa.

A subalternidade refere-se à relação hierárquica entre proposições universais e suas correspondentes particulares. Se a proposição universal é verdadeira, a proposição particular correspondente deve ser verdadeira, mas se a proposição universal é falsa, a proposição particular não implica em nada sobre a veracidade ou falsidade da universal.

Assim, o quadrado das oposições desempenha um papel crucial na silogística aristotélica, oferecendo uma representação visual e conceitual das relações lógicas entre proposições categóricas. Essa ferramenta permite que se avalie a consistência e a validade dos argumentos, fornecendo uma base sólida para a análise lógica e a inferência dentro do sistema aristotélico. Ao compreender as diferentes formas de oposição e as implicações associadas, Aristóteles contribuiu significativamente para o desenvolvimento da lógica clássica, influenciando não apenas seu próprio tempo, mas também moldando o curso da tradição lógica ao longo da história filosófica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILÓSOFO, A. O que é substância para Aristóteles? Filosofia do Início, [s.l.], 2023. Disponível em: [[O que é substância para Aristóteles? Filosofia do Início \(filosofiadoinicio.com\)](https://filosofiadoinicio.com)] 1. Acesso em: 10 dez. 2023.

CABRAL, João Francisco Pereira. "Lógica de Aristóteles "; Brasil Escola. Disponível em:[[Lógica de Aristóteles - Brasil Escola \(uol.com.br\)](https://l0gica.de.aristoteles-brasil-escola.uol.com.br)]. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

SILVA, M. Introdução à lógica aristotélica. Filosofia na Escola, [s.l.], 2023. Disponível em: [[Quadrado de oposições | Filosofia na Escola](#)]. Acesso em: 10 dez. 2023.

PIETROFORTE, A.; LOPES, I. Semântica lexical. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em:[[Pietroforte & Lopes - Semântica lexical \(usp.br\)](#)] . Acesso em: 10 dez. 2023.

Quadrado das oposições. Wikiwand, [s.l.], 2023. Disponível em: [[Quadrado das oposições - Wikiwand](#)]. Acesso em: 10 dez. 2023.